

Revista de Catequese

Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL

São Paulo, *Campus* Pio XI: Curso de Teologia

Disponível em: <https://revista.unisal.br/catequese/index.php/rcu/issue/view>

V. 1, n. 1, jan./jun., 2023, p. 1-10.

O DISCERNIMENTO COMUNITÁRIO, CORAÇÃO DA PRÁTICA SINODAL

COMMUNITY DISCERNMENT, HEART OF SYNODAL PRACTICE

*João dos Santos Barbosa Neto**

*Salvatore Currò***

RESUMO: O presente artigo aborda a preciosa temática do discernimento comunitário como uma realidade necessária a ser aplicada em todos os âmbitos da vida eclesial e pastoral como exercício concreto da prática sinodal que está em ato hoje na Igreja. Esta contribuição quer assumir a dimensão comunitária do discernimento e quer ajudar a compreender a sua profundidade, o sentido da conversão e as atitudes que devem ser assumidas. O itinerário divide-se num triplo e progressivo convite, a saber: aprender a ver juntos; entregar-se ao con-sentir; apoiar-se nas Escrituras.

Palavras-chave: Sinodalidade; catequese; discernimento; pastoral; Escrituras.

ABSTRACT: *This article addresses the invaluable theme of community discernment as a necessary reality to be applied across all areas of ecclesial and pastoral life as a concrete exercise of the synodal practice embraced within the Church today. This contribution aims to assume the community dimension of discernment and to help to understand its depth, the meaning of conversion and the attitudes that must be adopted. The itinerary is divided into a triple and progressive invitation, namely: learning to see together; yielding to consent; lean on the Scriptures.*

Keywords: *Synodality; catechesis; discernment; pastoral; Scriptures.*

INTRODUÇÃO

A renovação da prática eclesial em sentido sinodal passa necessariamente pelo discernimento comunitário que é o seu coração, isto é, a sua condição e ao mesmo tempo a sua expressão. Esta é a ideia guia da reflexão que se segue. Esta reflexão não se detém no contexto

* Sacerdote Salesiano. Licenciado em Filosofia (UCDB/MS); Bacharel em Teologia (UPS/ITÁLIA); Pós-graduado *latu senso* em Counseling (IATES/PR); Pós-graduado *latu senso* em Psicopedagogia (UCDB); Mestre em Teologia Pastoral (UPS/ITÁLIA); Doutor em Teologia (UPS/ITÁLIA). *E-mail:* joaoneto@missaosalesiana.org.br.

** Josefino Sacerdote. Doutor em Teologia com especialização em Pastoral Juvenil e Catequética (UPS/ITÁLIA); Doutor em Filosofia (PUL/ITÁLIA); Pós-doutorado Filosófico-Teológico (ICP/FRANÇA). *E-mail:* curro@unisal.it.

da pastoral juvenil, mas contempla toda a pastoral e a missão eclesial como tal. E, no entanto, a pastoral juvenil, que apenas ocasionalmente será diretamente questionada, estará no pano de fundo. Na base, de fato, está a convicção de que são os jovens que desafiam particularmente as comunidades cristãs para uma mentalidade sinodal e que a pastoral juvenil, portanto, pode ser um lugar privilegiado para aprender a sinodalidade e exercitar o discernimento comunitário.

Em confirmação disso, pode-se usar o exemplo do Sínodo sobre *Os jovens, a fé e o discernimento sinodal* (2018). Desde o início do processo sinodal, a Igreja sentiu que realmente lidar com os jovens significava passar da mentalidade de *para os jovens* para a mentalidade de *com os jovens*, ou seja, para uma mentalidade sinodal. Durante o processo compreendeu-se que os jovens provocam e ajudam ao mesmo tempo uma autêntica conversão eclesial, sobretudo, quando a comunidade cristã se coloca numa perspectiva missionária e quer abrir-se, pelo menos intencionalmente, a todos os jovens.¹ Na Assembleia sinodal, momento culminante e ao mesmo tempo de relançamento do processo sinodal, emergiu de modo particularmente forte que a renovação eclesial devia assumir a forma da sinodalidade² e que o discernimento, sentido em profunda ligação com a sinodalidade, deveria ser pensado mais fortemente em suas implicações comunitárias;³ observou-se também que o melhor fruto do Sínodo pode ser o prolongamento dos processos de discernimento comunitário vividos na Assembleia.⁴

Esta contribuição quer assumir a dimensão comunitária do discernimento e quer ajudar a compreender a sua profundidade, o sentido da conversão e as atitudes que devem ser assumidas. A reflexão é articulada e é um convite a atravessar, num aprofundamento progressivo, três níveis, interligados entre si e que se assemelham um ao outro: 1) o nível mais projetual e dialógico, conectado prevalentemente com a dimensão do ver e do compreender juntos; 2) o nível mais antropológico e relacional, ligado à dimensão sensível e corporal da existência e das relações; 3) o nível mais eclesial e espiritual, ligado aos vestígios da presença de Deus (chamaremos de *escrituras*), que passam pela existência pessoal e comum. Em síntese, o itinerário divide-se num triplo e progressivo convite a: 1) *aprender a ver juntos*; 2) *entregar-se ao con-sentir*; 3) *apoiar-se nas Escrituras*.

¹ CURRÒ Salvatore. *Giovani, Chiesa e comune umanità*. Percorsi di teologia pratica sulla conversione pastorale. Elledici: Torino, 2021, p. 49-73.

² ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS. *Os Jovens, a fé e o Discernimento Vocacional. Documento Final*. Brasília: CNBB, 2018, n. 121-122.

³ *Ibid.*, n. 105, 120 e 124.

⁴ *Ibid.*, n. 120.

1. APRENDER A VER JUNTOS

Iniciamos com a pastoral juvenil. Impulsionada pelo Sínodo sobre os jovens, ela percebe o desafio de se realizar na lógica da sinodalidade missionária, ou seja, como uma pastoral sinodal. Novos caminhos e atenções vão se abrindo, ainda que com altos e baixos, procura-se estabelecer relações com os jovens que não sejam unilaterais, mas marcadas pela reciprocidade; construindo a corresponsabilidade na comunidade educativa, na comunidade cristã e no território; de modo mais geral, busca-se qualificar a pastoral juvenil para que esta esteja à altura das sensibilidades atuais e da missão evangelizadora da Igreja. Tudo isso implica um esforço humilde e compartilhado para compreender melhor os jovens, para colher os desafios da cultura, para verificar o que pode ser mantido e o que deve ser renovado em nossas práticas eclesiais, para vislumbrar novos caminhos.

Compreender, colher, verificar, entrever são verbos que implicam o *ver* (e o *ver juntos*), que têm a necessidade de alargar e alongar o olhar. Há, de fato, na comunidade cristã a necessidade de aprender a ver melhor, cada vez mais em profundidade. Às vezes não vemos, além da aparente manta da indiferença e do tédio, mas há muitas questões importantes nos jovens: ser amado e reconhecido, ter relações de confiança, ser acompanhado para construir o futuro. Às vezes os fenômenos culturais parecem hostis à Igreja ou sem valores, mas talvez não consigamos ver neles os sinais do novo e da esperança. Às vezes, nas dificuldades pastorais, dificilmente vemos um pedido de renovação e nos refugiamos no *sempre foi assim*. Não raramente ou muitas vezes, não sabemos ver a presença e o chamado de Deus nas pessoas, nos fenômenos culturais, nas próprias falhas pastorais, no novo que está surgindo. É fácil cair no pessimismo.⁵

As nossas comunidades são desafiadas a ver o que até agora não se viu, se é verdade que estamos em um tempo de mudança radical, de renovação, até mesmo de uma virada de época. Trata-se de ver coisas novas nas pessoas, nos fenômenos culturais, no território em que se trabalha, também em si mesmo. Além disso, é preciso ver com um olhar de benevolência, com um olhar educativo e verdadeiramente pastoral; treinando o olhar da fé e de colher o *kairós*.⁶ Isso deve necessariamente ser feito em conjunto. É essencial o ponto de vista de todos. O jovem vê algo melhor do que o educador, e vice-versa; algo é mais bem visto do centro, algo da periferia; algo é visto melhor do ponto de vista leigo do que do ponto de vista religioso ou

⁵ FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013, n. 84-86.

⁶ CURRÒ, Giovanni. *Chiesa e comune umanità*, p. 21-47.

clerical, e vice-versa. Em suma, existem inúmeros pontos de vista. Uma paciente integração de olhares é necessária para colher melhor as situações que muitas vezes são complexas. Isso se refere ao diálogo, à paciência da interação, à necessidade de se manter aberto e em caminho, à necessidade de resistir a quem quer criar impasses para que nada mude e a quem quer correr na frente, mas sozinho ou criando fraturas.

Essas atenções relativas ao *ver juntos*, nunca subestimadas, mas sempre mantidas vivas, não dizem respeito apenas a alguns momentos, como por exemplo, quando se planejar a pastoral ou quando é preciso tomar decisões importantes, mas percorrem toda a ação e todas as relações pastorais. Portanto, é importante pensá-las não como *funcionais*, mas no próprio *coração* da pastoral e no próprio *coração* de sua renovação no sentido sinodal. É fácil constatar, em todas as experiências pastorais, como as maiores dificuldades dizem respeito à qualidade das relações, dos processos, dos estilos, e como o maior desafio é justamente o de construir a mentalidade do *com*, do *caminhar-com*.

O *caminhar juntos* implica o *ver juntos*: se vemos juntos, pode-se compreender juntos e decidir juntos. Mas é realmente assim? O contrário também não é verdade? O que é certo é que o *ver junto*, e o simples *ver*, não é um dado adquirido; supõe uma conversão. Pode acontecer o paradoxo que a Escritura evoca, de ver sem ver, de acreditar que se vê, mas sem ver o que deveria ser visto (cf. Mt 13,13-15). É como se tivéssemos que voltar ao nível das condições do ver.

2. ENTREGAR-SE AO CON-SENTIR

O ver, com efeito, não é o primeiro e não se ordena apenas à compreensão das coisas. O ver está ligado à escuta, ao tato e aos demais sentidos. O Sínodo sobre os jovens, na fase de *leitura*, que está ligado ao ver e ao interpretar, do mundo juvenil e das problemáticas atuais da pastoral juvenil, colocou o acento na escuta e, em definitivo, sobre caminhar com os jovens. É como se dissesse assim: para ler, ou seja, ver e compreender o que acontece no mundo juvenil, devemos escutar os próprios jovens; e, para escutá-los, devemos caminhar com eles. Há um convite para uma subida do ver ao caminhar-com, que ajuda a ver melhor e também a ver de forma mais positiva.

A subida é para todos os sentidos e é, em última instância, a subida para a corporalidade e para a ação. Os sentidos são a expressão de um corpo que se move e age. Vê-se melhor quando se ouve, se toca, se cheira, se saboreia; quando se des-posiciona e se re-posiciona; quando se

mantém vivo o *sentir*. Caminhar com o outro significa *sentir o outro* e *sentir com o outro*. Isso acontece, por *empatia*, ou seja, por uma prática que beira ao paradoxo. Podemos e devemos entrar no mundo do outro, mas sem poder (e dever) realmente entrar, e, portanto, reconhecendo-o e respeitando, sem nunca substituir-nos no lugar do outro.

Um tal *sentir* está no coração da experiência humana e deve ser educado e treinado; e, como a experiência humana, tem uma estrutura profundamente relacional: é um *con-sentir*.⁷ Mais que supor um conhecimento, uma compreensão em conjunto ou um ver em vistas da compreensão, ele informa de si o conhecimento; como se isso fosse *entregar-se* ao sentir. A consciência tem uma estratificação sensível, que a mantém viva, mas que também corre o risco de ser calada. Não deve ser subestimado de forma alguma o chamado de Francisco para manter viva a sensibilidade, para não deixar que a consciência seja anestesiada, para enfrentar a globalização da indiferença.⁸

Dar espaço aos sentidos e a força de atração que está inscrita neles, ou seja, permanecer sensíveis, constitui um grande desafio do nosso tempo, que se reflete também na pastoral e na comunidade eclesial. A sensível estratificação da existência (que inclui a afetividade, as emoções, as paixões), que certamente deve ser educada, tem um constitutivo sentido ético e religioso. Nele estão escritos lembretes, dons, convites, apelos. Talvez ali esteja escrito o chamado à fraternidade, e estejam ali os sinais da criaturalidade, do ser à imagem e semelhança de Deus, da passagem de Deus, da ação do Espírito, do chamado à comunhão. Talvez devêssemos redescobrir o *sensus fidei* e destacar todo o seu significado sensível.⁹ Na realidade, *pode-se ser crente porque se é sensível*.

A *reconciliação* da comunidade cristã com a estratificação sensível, emocional, afetiva e corporal da existência, pensando bem, não deveria ser difícil, dado o sentido da encarnação que perpassa a experiência da fé e dada a estrutura ou o horizonte sacramental da Igreja e da sua pastoral. A Igreja é o corpo de Cristo (cf. 1 Cor 12, 1ss.), vive dos sentimentos de Jesus Cristo, vive do encontro com Cristo e trabalha para o encontro com Cristo. E o encontro tem um significado sensível, corporal, sacramental; não é certo, no fundo, o encontro com uma ideia

⁷ VANTINI Lucia. *Il sé esposto. Teologia e neuroscienze in chiave fenomenologica*. Assisi: Cittadella, 2017, p. 89-97.

⁸ FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, n. 53-54.

⁹ *Ibid.*, n. 119, sobre o *sensus fidei*: “Como parte do seu mistério de amor pela humanidade, Deus dota a totalidade dos fiéis com um *instinto da fé* – o *sensus fidei* – que os ajuda a discernir o que vem realmente de Deus. A presença do Espírito confere aos cristãos uma certa conaturalidade com as realidades divinas e uma sabedoria que lhes permite captá-las intuitivamente, embora não possuam os meios adequados para expressá-las com precisão”.

ou com uma visão doutrinal ou moral, mas é encontro com um acontecimento, ou melhor, com uma Pessoa.¹⁰

O desafio para a prática do discernimento comunitário é evidente. Ela tem um substrato relacional-sensível, que *é a prática do con-sentir*. O diálogo, o esforço de entender-se e de projetar juntos, certamente se atua em um plano cognitivo. Há confronto de ideias e pontos de vista sobre os diversos problemas, mas o plano cognitivo vive do plano sensível. Trata-se de entrar em sintonia, de tentar e tentar novamente até afinar, como se afinam os instrumentos musicais. Esta prática, convém sublinhar, é um sinal profético no seio da nossa cultura. Em muitos contextos (familiares, sociais, políticos, culturais) persistimos em buscar ou contestar relações em um nível que permanece no fundo sempre ideológico: é importante o que o outro pensa e diz, não o que ele sente.

O discernimento comunitário, enquanto con-sentir, refere-se, na realidade, mais que um esforço construtivo, é uma *entrega*. É como se tivéssemos de nos render ao que já está escrito no plano sensível e corpóreo da nossa existência, da nossa co-pertença à comunidade humana e, no interior dela, à comunidade cristã. Os convites do Papa Francisco, especialmente em *Laudato Sì* e *Fratelli Tutti*, para cuidar da nossa casa comum, para construir a fraternidade humana, para sermos operários de paz, e que devem entrar cada vez mais em nossa pastoral, baseiam-se, antes que sobre o conhecimento de nossas consciências crentes ou não crentes, sobre as *escrituras pré-conscientes* que nos marcam radicalmente e que nos convidam a uma entrega sensível, ao cuidado, à fraternidade, à paz.¹¹ A mesma comunhão a construir como comunidade cristã, enquanto *co-crentes*, enraiza-se na graça que nos precede, a nossa atividade de consciência e a nossa escolha, sobre os dons recebidos, a começar pelo dom do Espírito no batismo, sobre os recursos eclesiais que nos permitem viver como cristãos, a Palavra de Deus e a Eucaristia.

Esses recursos marcam radicalmente o discernimento comunitário. Esta não é a prática de consciências autofundadas, mas de consciências responsáveis que respondem e se correspondem, que se deixam iluminar pela presença de Cristo e pela sua Palavra. Para que seja assim, é necessário redescobrir os recursos eclesiais como mediações práticas, como *pontos de*

¹⁰ FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, n. 7.

¹¹ É com base nisso que o Papa Francisco, com a *Laudato Sì* e a *Fratelli Tutti*, pôde dirigir-se a todos (não só aos cristãos, mas também aos não crentes e aos pertencentes a diferentes experiências religiosas). E é com base nisso que ele pôde convidar a todos para um *pacto educativo global*.

apoio. Entre esses pontos devemos nos deter particularmente sobre a Sagrada Escritura, pois ela tem um papel imprescindível no discernimento comunitário.

3. APOIAR-SE NAS ESCRITURAS

A prática do discernimento comunitário, no âmbito eclesial, faz-se à luz da Palavra de Deus, isto implica *apoiar-se* na Escritura. Tal apoio deve ser entendido de forma concreta, quase que físico. A Escritura permite à comunidade que realiza o discernimento de libertar-se do risco da autofundação, do neopelagianismo, como gosta de recordar Francisco¹² ou de permanecer enredado a nível ideológico; ela abre o horizonte do acontecimento, da graça, da iniciativa de Deus. Já pelo fato de ser escritura, ela oferece aos sujeitos do discernimento uma perspectiva de descentralização ou de alteridade, que, em última análise, deve se tornar descentralização sobre a palavra de Deus.

Apoiando-se na Escritura, a prática do ver juntos permanece descentralizada no desafio, na questão a ser abordada, no fenômeno a ser compreendido, na escolha pastoral a ser amadurecida e se abre ao *ver segundo a Palavra de Deus*. O discernimento torna-se circularidade hermenêutica; leem-se os desafios à luz da Palavra e se compreende a Palavra de modo atual. As nossas comunidades, nesse sentido, devem ser caracterizadas como *comunidades hermenêuticas*. Mas é preciso ter atenção para não permanecer no nível da visão e da compreensão, e nem mesmo no nível da Palavra *já dita* e, no fundo, apenas para ser compreendida e aplicada.

Por outro lado, temos a sensação de que as situações pastorais, eclesiais, sociais, culturais nos interpelam radicalmente, como se contivessem um apelo de Deus, e que a Escritura é verdadeiramente um tesouro do qual deve haurir, ao mesmo tempo, “coisas novas e coisas antigas” (Mt 13,52). Para salvaguardar a antiguidade e a novidade da Escritura, ou seja, no fundo a sua fuga ao *já dito* ou ao *facilmente previsível*, é preciso manter vivo o sentido da Escritura enquanto tal. À Escritura se aproxima, antes de compreendê-la (como se tivesse significados estáticos e válidos para sempre), para *habitá-la*, encontrando a si mesmo nela, para dar forma à comunidade do discernimento. E isso acontece, na realidade, a nível sensível e corpóreo.

É como se as *escrituras da existência*, da estratificação sensível e corpórea da existência e da coexistência fossem já em aliança com as Sagradas Escrituras. As escrituras da existência,

¹² FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, n. 94.

que já são evocadas, o apelo à fraternidade inscrito nos rostos, o cuidado da terra inscrito no nosso ser terreno, a corresponsabilidade inscrita nos vínculos intercorpóreos que nos constituem, são, de fato, como as telas daquele *molde*, daquela escritura que é o nosso ser à imagem e semelhança de Deus, isto também deve ser pensado de forma sensível e concreta. É esta aliança secreta das escrituras da existência com as Sagradas Escrituras que une aqueles que decidem apoiar-se na Palavra de Deus e que nos coloca em comunhão. É desta secreta sintonia, que é como um dom que precede a reflexão, que adquire força a prática comunitária do discernimento; e é por isso que podemos nos colocar no cumprimento da onda da Palavra de Deus, pois este nos falou e ainda fala de uma maneira sempre nova.

Pode-se escutar Deus se o deixar falar, sem colocar as condições para que ele possa falar. Muitas vezes, no âmbito eclesial, a Palavra de Deus já não evoca o acontecimento sempre antigo e sempre novo de uma comunidade que, apoiando-se numa página da Escritura, é regenerada por Deus, mas se reduz, como que por um achatamento, a uma atribuição simples de confirmação ao significado de uma página da Escritura. Certamente, não se trata de legitimar leituras subjetivas das Escrituras ou de desvalorizar as mediações objetivas; pelo contrário, é necessário valorizar a exegese, implementar uma sã hermenêutica, interpretar a Escritura na tradição eclesial, interpretar cada texto em relação ao contexto e à mensagem unitária da própria Escritura e, em última análise, em relação a Jesus Cristo, cumprimento das Escrituras.¹³ Com uma serena adesão a todas as mediações eclesiais, é preciso, porém, que se produza o *evento* da Palavra.

A Escritura em si é frágil, é letra morta ou quase morta, porque é como o último elo de uma corrente, o último resquício de um evento e de um processo originário da iniciativa de Deus (Revelação); mas, precisamente por isso, é capaz de reproduzir o evento do Deus que fala, no contexto de uma comunidade orante, em escuta, desejosa de colocar-se no cumprimento da onda da Palavra. Produz-se, assim, um evento de caráter sacramental porque a Palavra, não a Escritura sozinha, tem caráter sacramental.¹⁴ Enquanto a Escritura permanece Escritura, isto é, sem aplanar sobre o significado, mas permanecendo aberta ao acontecimento, e enquanto a comunidade se sintoniza com o Cristo, o Verbo que se fez carne, Deus fala. A sintonia da comunidade se realiza através de uma prática sensível, corpórea, ritual; com gestos e palavras que se assemelham aqueles de Jesus ou que os prolongam.

¹³ BENTO XVI. *Exortação Apostólica pós-sinodal Verbum Domini*. São Paulo: Paulinas, 2010, n. 29ss.

¹⁴ BOZZOLO Andrea; PAVAN Marco. *La sacramentalità della Parola*. Brescia: Queriniana, 2020, p. 322.

Compreende-se porque o evento da Palavra se realiza em particular na celebração litúrgica, onde se lê e se escuta a Escritura e na conexão com o Sacramento. Na realidade, o discernimento comunitário, na comunidade cristã, encontra o seu sentido mais pleno na celebração litúrgica sacramental, especialmente na Eucaristia. Este é o contexto próprio, a fonte e o cume, de todo discernimento comunitário, como também de todo processo sinodal e de toda conversão eclesial. Neste sentido, o apoio do discernimento comunitário está na Escritura e ao mesmo tempo na liturgia, ou, em última análise, sobre a Escritura no contexto litúrgico.¹⁵

CONCLUSÃO

Os três níveis do discernimento comunitário, destacados neste artigo, estão implicados um no outro; eles expressam um percurso de aprofundamento progressivo ou de tornar verdadeira a prática do discernimento. Encontramo-nos, num primeiro nível, com o desejo de ver juntos, ou seja, ler e interpretar juntos as situações para reorientá-las; mas também nos encontramos de forma profunda, abrindo-nos às instâncias sensíveis e corpóreas das verdadeiras relações e nos entregando às escrituras das nossas existências ou da intercorporeidade; enfim, da corresponsabilidade de permitir que Deus chegue até nós, de falar conosco e falar através de nós.

O percurso não é nada óbvio. Implica caminho, treinamento, tentar e tentar de novo, sem jamais desanimar. É caminho de conversão em todos os âmbitos: pastoral, eclesial, espiritual; da mente, do coração, das ações. É caminho em vista da missão, mas na realidade já é uma missão em ato. Já é o exercício de uma profecia no coração do mundo atual, já é a construção de uma *cultura do encontro*.

Quem deve animar tal caminho? Coloca-se a ênfase na comunidade como tal, mas é evidente que esses processos devem ser acompanhados. Neste sentido, os pastores, os formadores, os educadores, cada um no próprio nível, têm uma grande responsabilidade de animação. Afinal, é a função própria de cada um. A mesma responsabilidade de governo não pode não se realizar hoje em um estilo sinodal, passando pelo discernimento comunitário. Um equívoco precisa ser esclarecido. A escolha da sinodalidade e do discernimento comunitário não diminuem a responsabilidade de quem governa, pelo contrário, exige-a e ao mesmo tempo qualifica-a. Hoje, paradoxalmente, quem governa contornando as dinâmicas sinodais e o

¹⁵ CURRÒ, Giovanni. *Chiesa e comune umanità*, p. 321-358.

discernimento comunitário, não governa; pelo menos, não exerce aquele governo, hoje é necessário, que se promova bons processos, sintonizados com o Reino de Deus.¹⁶

Quem é chamado a animar os processos de discernimento comunitário pode fazê-lo se antes de tudo os tiver respirado e vivido; nesta condição ele será capaz de animá-los. É como um círculo. O certo é que o desafio é grande: somente quando se entra em uma mentalidade de discernimento e sinodalidade os contextos eclesiais e pastorais, e neles todos os que têm a responsabilidade de liderança, podem reencontrar credibilidade. Entre estes contextos, os da educação e da pastoral juvenil podem constituir-se como campo privilegiado de formação e de vanguarda no caminho.

BIBLIOGRAFIA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS. *Os Jovens, a fé e o Discernimento Vocacional. Documento Final*. Brasília: CNBB, 2018.

BENTO XVI. *Exortação Apostólica pós-sinodal Verbum Domini*. São Paulo: Paulinas, 2010.

BOZZOLO Andrea; PAVAN Marco. *La sacramentalità della Parola*. Brescia: Queriniana, 2020.

CURRÒ Salvatore. *Giovani, Chiesa e comune umanità. Percorsi di teologia pratica sulla conversione pastorale*. Elledici: Torino, 2021.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.

VANTINI Lucia. *Il sé esposto. Teologia e neuroscienze in chiave fenomenologica*. Assisi: Cittadella, 2017.

¹⁶ FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, n. 222-225.